

Arqueologia e educação: uma análise no Oeste de Santa Catarina

*Mirian Carbonera**

Resumo

O artigo aborda a importância da Arqueologia e do patrimônio arqueológico para o conhecimento da diversidade cultural dos segmentos étnicos que compõem a sociedade brasileira e que estão expressos na cultura material. Para tanto, procuro perceber como a ciência arqueológica é trabalhada nas escolas, especialmente no ensino fundamental, na cidade de Chapecó, região Oeste de Santa Catarina. Para a construção da análise, foram utilizadas entrevistas com professores e alunos, bem como livros didáticos de História.

Palavras-chave: Patrimônio arqueológico, Oeste de Santa Catarina, ensino de História.

Introdução

O presente artigo traz algumas discussões levantadas na pesquisa realizada para o Curso de Especialização em Arqueologia (cujo título é Patrimônio Arqueológico e a Educação: uma análise no Oeste de Santa Catarina). Compreendendo a Arqueologia enquanto Patrimônio Cultural, procurei perceber como o assunto é trabalhado no Ensino Fundamental, na disciplina de História. Para tanto, escolhi para análise a cidade de Chapecó, na região Oeste de Santa Catarina.

Nessa região pôde-se evidenciar que os cursos de graduação em História raramente têm linhas de pesquisa ou a disciplina de Arqueologia¹ em sua grade curricular. Sendo assim, ocasionam-se, entre outros problemas, fragilidades na formação, uma vez que esta área de conhecimento contribui para o entendimento da história regional. Através da pesquisa arqueológica, que possui uma metodologia, um enfoque e uma abordagem diferenciada da História, pode-se obter informações sobre as sociedades precedentes, compreendendo como viviam e se organizavam, quantos eram, de onde vieram, como se relacionavam com o meio ambiente, onde habitavam, suas bases econômicas e tecnológicas, por que algumas desapareceram, e assim por diante.

Assim, os graduandos em História e futuros professores poderiam ser os agentes de sensibilização dos alunos (do ensino básico, fundamental e médio); estes, por sua vez, enquanto futuros cidadãos formariam uma mentalidade de comprometimento com a preservação do patrimônio cultural, especialmente do patrimônio arqueológico. Isso porque por várias décadas a própria Arqueologia esteve concentrada em alguns poucos centros, especialmente universidades tradicionais, e acabou defasada em muitas outras regiões do país.

Sobre o Oeste catarinense

O Oeste catarinense se caracteriza por grande número de sítios arqueológicos. Isto pode ser evidenciado através das pesquisas

do Padre Jesuíta João Alfredo Rohr, 2 que percorreu a região a partir dos anos 60. Contemporaneamente, novos trabalhos foram e vêm sendo desenvolvidos, especialmente devido aos impactos ambientais causados nas construções de barragens hidroelétricas. Dentre estes, destaca-se o trabalho realizado pela arqueóloga Marilandi Goulart na UHE – Itá, 3 durante as décadas de 80 e 90.

A presença dos rios Uruguai, Chapecó, Irani é um elemento fundamental, pois a água em abundância, sem dúvida, atraiu os antigos grupos. Atualmente, além de alguns poucos remanescentes, 4 que já não conseguem narrar como viviam seus antepassados, restam só os vestígios da cultura material, 5 para melhor compreensão da existência de tais sociedades. As pesquisas já realizadas remetem a uma ocupação antiga, da qual esses testemunhos puderam e podem nos trazer informações sobre como foi a vida desses grupos. Os testemunhos são os objetos/artefatos que fazem parte da cultura material. Na visão de Ballart (1997), são os elementos básicos para a transmissão cultural entre os homens, porquanto através deles pode-se perceber as noções de continuidade e mudança entre presente e passado. Esses testemunhos que sobrevivem se transformam em patrimônio herdado e devem ser conservados para as gerações futuras; porém, na região Oeste ocorre o contrário: os vestígios são pouco preservados e pouco estudados, tanto pela falta de recursos humanos como financeiros.

A população regional pouco ou nada sabe sobre esses antigos grupos, pois são raras as pesquisas acadêmicas ou qualquer trabalho de Educação Patrimonial na área de Arqueologia envolvendo as comunidades locais. Leigos dificilmente reconhecem seu valor e importância. Muitos vivem sobre sítios arqueológicos, especialmente nas áreas rurais. Quando reconhecem a cultura material como parte de uma sociedade indígena, esses moradores, na maioria das vezes, logo fazem associações fantasiosas de que junto ao material encontrado possam existir tesouros (quase sempre dos jesuítas). Por não descobrirem o procurado ouro, acabam tomando o próprio patrimônio arqueológico como se fosse um tesouro. Em outros casos, o uso intensivo do solo na atividade agrícola ou o simples des-

caso ocasionam a destruição dos sítios. Um fator adicional que acen-tua a destruição dos sítios arqueológicos na região é a disputa pela terra, iniciada em fins dos anos 1970, envolvendo grupos indígenas e, do outro lado, colonos de origem europeia. Com medo de perder as terras, muitos colonos acabam por destruir os vestígios arqueo-lógicos, pois acreditam que estes podem atestar que as terras per-tencem aos indígenas.

Neste sentido, a Educação tem papel fundamental para de-senvolver certa sensibilidade de crianças, jovens e adultos sobre essa necessidade de preservação, mediante um trabalho educacio-nal. Novos elementos podem ser incluídos em nossas escolas para que crianças e jovens conheçam o patrimônio arqueológico, o que pode torná-los agentes na defesa e preservação desses bens. Apesar das poucas pesquisas sistemáticas no Oeste catarinense, Noelli (1999-2000) considera a região Sul do país uma das regiões mais conheci-das arqueologicamente, observando, porém, que os dados analisa-dos possuem limites tanto teóricos quanto empíricos, o que impede uma compreensão ampla das populações, em termos biológicos, sociológicos, históricos e econômicos. Nesse sentido, através do his-tórico-culturalismo,⁶ a Arqueologia do Sul do Brasil foi definida a partir de registros materiais, enquadrando-os nos vetores “tempo” e “lugar”. Noelli (1999-2000) expõe que em linhas gerais as pesqui-sas no Brasil foram poucas, e na maioria dos casos derivadas de modelos construídos para resolver problemas de outras partes do Brasil ou de outros países. Daí porque, segundo ele:

A prática de ignorar as populações indígenas em relação à arqueologia não foi inaugurada por Meggers e Evans, mas apenas consolidada por eles, em procedimento repetido desde as primeiras publicações, em que os dados indígenas serviam para subsidiar alguma especulação ou para ratificar os preconceitos em relação aos alcunhados como “bugres”, “primitivos”, “atrasados”, etc. (NOELLI, 1999-2000, p. 222).

A exclusão, a discriminação e o preconceito em relação aos povos indígenas não perduraram somente nos séculos da coloniza-

ção de contato, mas se manifestam até mesmo na atualidade. Observa-se que no século XX ocorreram acontecimentos e mudanças que alteraram o cenário não só regional, bem como o mundial, em várias esferas. O Oeste de Santa Catarina vive intensamente esse período de transformações, jamais previstas pelas populações (indígenas e brasileiros⁷) que aqui habitavam. Em nível local e regional, podemos citar como exemplo a primeira metade do século passado, momento em que ocorre a colonização, por grupos de origem européia, das áreas “menos” ocupadas; em seguida, dá-se um amplo processo de urbanização.

Essas reflexões nos remetem a muitas questões, por exemplo: como uma região tão rica em vestígios arqueológicos é tão pouco estudada? Se existem pesquisas, por que são tão pouco divulgadas e conhecidas? Como divulgar mais a Arqueologia na região, uma vez que a população leiga desconhece a importância do estudo da cultura material das populações precedentes? Como alterar esse quadro para preservar o que ainda resta dos sítios pré-históricos e históricos,⁸ depois de um século de agricultura predatória? No que a Educação pode ajudar?

Instigada por essas e outras questões, busquei analisar como o assunto é trabalhado no Ensino Fundamental, na cidade de Chapecó – principal núcleo populacional da região Oeste, concentrando igualmente o maior número de escolas das redes de ensino estadual, municipal e particular. Foram analisados alguns livros didáticos para perceber como abordam o assunto Arqueologia (ou patrimônio arqueológico). Tentei perceber também, através de entrevistas com professores e alunos, como o assunto é trabalhado em sala de aula e o que sabem sobre essa temática.

O ensino da Arqueologia através dos livros didáticos de História

Um elemento importante a ser observado é a relação entre a História e a Arqueologia. Não é novidade que o estudo da Arqueo-

logia constitui privilégio de poucos. A Arqueologia no Brasil ficou por muito tempo concentrada em níveis de pós-graduação, restringindo-se a poucos centros. Funari (2002) expõe sua preocupação frente a isso, dizendo que num país de dimensões continentais, de população elevada, com centenas de milhares de estudantes universitários, existem pouco mais de trezentos arqueólogos.

Por sua vez, a História somente passa a considerar a importância da Arqueologia a partir do Movimento dos Annales, iniciado em 1929 na França, por Lucien Febvre e Marc Bloch. Esta nova forma de pensar a História representou, em linhas gerais, o rompimento com a tradição que até então privilegiava os grandes homens e fatos, buscando novas formas de estudar a história. (REIS, 2000) Nessa nova visão de História, Febvre propôs que não era mais possível o historiador basear-se apenas em documentos escritos em suas pesquisas, mas sim utilizar todos os vestígios que atestassem a passagem do homem no espaço e no tempo. A cultura material configuraria, assim, numa nova fonte de informações para os que aderiram ao pensamento dos Annales. Na visão de Aymard, podemos perceber que o trabalho do arqueólogo é aproximado ao do historiador:

O pesquisador que estuda a difusão de cerâmica neolítica faz história exatamente como aquele que trabalha com uma fonte estatística moderna. Ambos procuram conhecer as manifestações do gênero inventivo da humanidade, que, se são diferentes na forma, não são diferentes em "engenhosidade". (AYMARD apud REIS, 2000, p. 78).

A ampliação do campo das fontes históricas está inteiramente associada ao projeto da História-problema, e também pode entender a área de pesquisa do historiador até a anteriormente interdita pré-história, articulada a outra proposta "inovadora" dos Annales: "a história total". A idéia de que a história poderia buscar elementos na arqueologia não é fato novo, porém, tratando-se do ensino de História e da produção didática brasileira, esse quadro só começa a ser sensivelmente alterado nos anos 90. Lima (1999) elenca

algumas transformações como: o fim do regime militar (atenuando-se a presença americana no sistema de ensino, e pouco a pouco retomando a influência européia) e a crescente preocupação, por parte dos arqueólogos brasileiros, com a educação histórica que exclui esse passado pré-colonial. Também é importante ressaltar a iniciativa de Tenório e Franco que, em 1993, organizaram no Rio de Janeiro um seminário para a implantação da temática “Pré-História Brasileira” no ensino de primeiro, segundo e terceiro graus.

Mesmo assim, é possível notar nas falas dos professores, ainda hoje, a constante e velha prática da exclusão da Arqueologia no ensino de História na educação fundamental. Quando questionados sobre se costumam abordar o assunto Arqueologia em suas aulas, alguns professores⁹ esboçaram respostas que estão entre as mais comuns: “Não, dificilmente é tratado sobre esse tema” (L. S.) ou “Não, sinceramente não” (C. M. C. S.). Além do descaso dos professores de História em relação à Arqueologia, outro ponto a ser observado, abordado por Kern, refere-se à forma como a Arqueologia é veiculada nos meios de comunicação. Esses veículos acabam muitas vezes por reproduzir/produzir uma história conservadora e eurocêntrica:

Muitas das afirmações que constantemente são difundidas, principalmente em jornais e revistas, mas igualmente em muitos livros didáticos, relacionadas ao processo de descoberta e colonização da América, não passam muitas vezes de chavões e afirmações superficiais, interpretações subjetivas e carregadas de emoção, muitas vezes metáforas com muito pouco de conteúdo histórico. (KERN, 2000, p. 71).

Ou seja, os meios de comunicação acabam reproduzindo e reforçando nos leitores informações distorcidas. Caimi (1999), em sua pesquisa, também aponta problemas relacionados ao ensino (que se baseava numa combinação de positivismo¹⁰ com nacionalismo), e isso pode ser notado na produção didática pelo menos até a década de 1970. Transcrevo aqui apenas um exemplo, citado por esta autora, fazendo menção à questão do “descobrimento”: “Como to-

dos os povos atrasados que não possuem escrita, os antigos habitantes do Brasil pertencem a Pré-História. Quanto à História, ela só se ocupa dos povos civilizados, que podem, através da escrita, documentar os acontecimentos [...]” (HERMIDA apud CAIMI, 1999).

Diante disso, percebe-se, além da ligação com o positivismo, que aquilo que a história trabalha com os alunos é, hoje, alvo de questionamentos. Esse exemplo demonstra principalmente a concepção de história veiculada nas escolas: eurocêntrica do “civilizado” frente ao “atrasado”. Os povos que não possuíam escrita eram considerados incapazes de fazer história.

Como não tive a pretensão de fazer uma análise exaustiva sobre todos os livros didáticos, o recorte selecionado recaiu sobre nove livros, que são:

Quadro 1: Apresentação das obras analisadas

Autores	Obras	Série	Editora	Ano/Edição
SOUZA, Osvaldo Rodrigues de	História Antiga e Medieval	5º	Ática	1981 2ª ed.
VALADARES, Virginia; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião	História: Assim caminha a Humanidade	5º	Editora do Brasil	1992 1ª ed.
PILETTI, Nelso; PILETTI, Claudino	História e Vida: Brasil da Pré-História a Independência	5º	Ática	1994 7ª ed.
VICENTINO, Claudino	História Memória Viva: Brasil Período Colonial e Independência	5º	Scipione	1994 1ª ed.
BOULOS JUNIOR, Alfredo	História Geral: Antiga e Medieval	5º	FTD	1995 1ª ed.
DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete	História: Cotidiano e Mentalidade	5º	Atual	1995 1ª ed.
COTRIM, Gilberto	História & Consciência do mundo, 1: da Pré-história à Idade Média	5º	Saraiva	1998 1ª ed.
MONTELATTO, Andréa; CABRINI, Conceição; CATELLI JUNIOR, Roberto	História Temática: tempos e culturas	5º	Scipione	2000 1ª ed.
SCHMIDT, Mario	Nova História	5º	Nova	2001

Os livros são da 5ª série, que é onde geralmente se aborda a Pré-história Geral ou do Brasil, e dentro dela a Arqueologia. Essas são as obras mais conhecidas entre os professores das escolas estaduais e municipais de Chapecó, e que estavam disponíveis nas bibliotecas para atividades de pesquisa dos alunos. Um dos livros é do início da década

de 1980, para fazer um contraponto com os dos anos 1990; apenas um foi publicado em 2000, porém as obras didáticas não esgotam a produção brasileira desses períodos. Trago a seguir os conceitos sobre Arqueologia, conforme cada autor, já divididos em grupos para a análise:

Concepção de Arqueologia	Autor
<i>Grupo A – Aborda a divisão de História e Pré-História, as fases desta última, mas não menciona a Arqueologia</i>	<i>Alfredo Boulos Junior</i>
<i>Grupo B – Arqueologia: ciência que estuda os povos pré-históricos.</i> - <i>A Arqueologia estuda as culturas extintas.</i> - <i>A Arqueologia é a ciência que estuda os vestígios das civilizações antigas. Os arqueólogos buscam (geralmente através de escavações) restos de construções, ossos, cacos de vasos, pedaços de ferramentas, desenhos, restos de plantas e de animais, tudo o que possa informar como viviam as pessoas naquela sociedade.</i>	<i>Claudino Vicentino</i> <i>Oswaldo Rodrigues de Souza</i> <i>Mario Schmidt</i>
<i>Grupo C – Arqueologia para estudar objetos, restos de animais e plantas, ossos humanos e outras antiguidades.</i> - <i>Arqueologia estuda as sociedades usando como ponto de partida objetos materiais, mesmo quando a sociedade que produziu tais objetos já tenha se transformado ou desaparecido.</i> - <i>A Arqueologia Pré-Histórica, é a ciência que estuda os objetos feitos pelos homens pré-históricos, como os instrumentos de pedra e metal, as peças cerâmicas, as sepulturas. Por meio desse estudo, os arqueólogos procuram descobrir como os homens da Pré-História viviam.</i> - <i>Arqueologia é a Ciência que estuda as coisas antigas, principalmente da época que nada foi deixado de escrito, isto é, da Pré-História. (Grifos meus)</i>	<i>Virgínia TrindadeValadares;</i> <i>Vanise Ribeiro;</i> <i>Sebastião Martins</i> <i>Ricardo Dreguer;</i> <i>Eliete Toledo</i> <i>Gilberto Cotrim</i> <i>Nelson Piletti;</i> <i>Claudino Piletti</i>
<i>Grupo D – Arqueologia é uma ciência que estuda diversas culturas, desde o surgimento da espécie Humana até o presente.</i>	<i>Andréa Montelatto;</i> <i>Conceição Cabrini;</i> <i>Roberto Catelli Junior</i>

Os livros foram agrupados a partir dos pontos em comum, das definições que trazem sobre Arqueologia. Assim, as produções didáticas foram analisadas individualmente (mas dentro do grupo maior), onde tentei perceber: a concepção teórica relativa à Arqueologia; as ilustrações; os exercícios; se possuem uma visão mais eurocêntrica e se fazem alusão ao patrimônio arqueológico nacional ou regional.

Em síntese, pode-se dizer que o grupo A apresentou um livro que trabalha só com a noção de pré-história, mas sem mencionar a importância da Arqueologia para o estudo desse período. No grupo B, o período pré-histórico¹¹ ocupa no máximo um capítulo: esses livros didáticos dão ênfase ao estudo das sociedades que não mais existem, como se o objeto de estudo da Arqueologia fosse somente esse.

O grupo C reuniu autores que também destinam no máximo um capítulo para o estudo da pré-história e que definem a Arqueologia, evidenciando em primeiro plano a cultura material, os objetos, as coisas antigas. Os grupos B e C podem ser ligados à explicação tradicional. A explicação tradicional se encaixa na primeira vertente teórica da ciência arqueológica, também chamada de Arqueologia Histórico-Culturalista, surgida na Europa na primeira metade do século XX, que busca recuperar e comparar o maior número possível de traços culturais, dando muita ênfase ao objeto, construindo tipologias e seriações, reconstruindo o passado. Essa primeira visão da ciência arqueológica perdurou até meados dos anos 60, e se podem observar diferenças entre a visão européia e o que foi aplicado nas Américas. Uma vez que lá a Arqueologia nasceu ligada à História e ao estudo dos próprios antepassados, já em contexto americano está muito mais relacionada à Antropologia, ou seja, o estudo o "outro": no caso, o indígena.

Mesmo que tenham surgido novas visões, uma teoria não substitui a outra. A segunda é a Arqueologia Processualista, que analisa as relações entre componentes de sistemas socioculturais com uma rigorosa cientificidade e estabelece leis gerais para o comportamento humano, fazendo estudos de economia e adaptação. Por fim, a Arqueologia Pós-Processualista, que atinge níveis mais profundos de análise, buscando significados históricos na análise das mudan-

ças sistêmicas, valorizando o indivíduo, suas escolhas, símbolos e contextos, descobrindo regras, sistemas de relações, estruturas, códigos simbólicos subjacentes às “linguagens”.

Já o grupo D apresenta o livro com maior número de informações sobre o assunto, dedicando um capítulo especial para a Arqueologia, e abordando em outros sete os elementos estudados por ela. Centra-se na perspectiva pós-processualista, pois amplia o campo de estudo da Arqueologia desde o surgimento do homem até o presente, além de tornar evidente a importância das diversas culturas, salientando que, através das relações sociais estabelecidas, pode-se perceber a dinâmica interna das sociedades, das formas de poder, dos conflitos de classe e de gênero.

É possível perceber mudanças significativas na produção didática analisada. Os livros mais antigos abordam muito pouco a arqueologia, geralmente com exíguas ilustrações; já os mais recentes abusam das cores fortes, fotografias e infogramas. São obras que tratam o passado pré-colonial brasileiro de maneira geral e que não destinam espaço às pesquisas regionais. Quando fazem referência às pesquisas arqueológicas do Brasil, notou-se que em pelo menos três obras é dada bastante ênfase às pesquisas desenvolvidas pela arqueóloga Niéde Guidon, no sítio de Pedra Furada, em São Raimundo Nonato (PI). Esta pesquisadora defende a idéia que os primeiros grupos humanos chegaram ao continente americano por volta de 70 mil anos, através das ilhas do Pacífico. Contudo, essa visão não tem encontrado boa acolhida entre os estudiosos, como manifestam os autores:

Talvez por ser a visão mais romântica e gloriosa do homem americano, no Brasil, “o homem da Pedra Furada” continua popular, a julgar pelo destaque que recebe nos livros didáticos e nos meios de comunicação de massa. No meio científico internacional, a teoria de Guidon não é plenamente aceita e, no Brasil, a maioria dos estudiosos tampouco considera aceitável a antiguidade atribuída por essa estudiosa ao “homem da Pedra Furada”. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 41).

Por um lado, a maioria dos pesquisadores considera que as antigas fogueiras, assim como as pedras (utilizados por Niéde Guidon para datação), são naturais, não se devem à ação humana. Por outro, não se encontraram vestígios humanos tão antigos nas ilhas do Pacífico (FUNARI; NOELLI, 2002).

Os exercícios contidos nos livros, na sua grande maioria, destinam-se à fixação do conteúdo, baseando-se em questionários sem um caráter reflexivo. Nota-se um diferencial no livro História Temática, cujas atividades remetem, por exemplo, ao ofício do arqueólogo (mostrando quais instrumentos são utilizados por esse profissional). Além disso, Pinón destaca em sua tese que os livros didáticos estão empenhados em mostrar a ocupação do território antes da chegada dos portugueses nos capítulos iniciais, anteriores ao descobrimento, de modo que o etnocentrismo arraigado na sociedade não permite que tal informação seja assimilada pelos estudantes; para estes, a história do Brasil acaba sendo tão recente quanto defendem as correntes historiográficas mais conservadoras.

Pinón ressalta ainda que, mesmo que os alunos saibam sobre a existência dos indígenas antes da chegada dos europeus, oficialmente a história da saga européia prevalece. Lima (1996) mostra que a Arqueologia brasileira dificilmente acompanhou as discussões realizadas em nível mundial. Os livros didáticos analisados seguiram basicamente a mesma trilha, onde é possível perceber que o assunto ficou praticamente deixado de lado por muitos anos, mas é inegável o avanço das produções mais recentes, que têm ampliado cada vez mais o espaço destinado ao assunto, como é o caso do livro História Temática que, além de falar sobre Arqueologia em vários capítulos, ainda procura centrar-se numa perspectiva pós-processualista.

Não se podem negar as mudanças pelas quais vêm passando os livros didáticos, especialmente na área de Arqueologia. Porém, é importante ressaltar que, especialmente na última década, a Arqueologia brasileira têm vivido transformações importantes: um bom exemplo é a crescente preocupação de alguns arqueólogos em escrever sobre o passado de forma simples e criativa, para despertar o interesse pela Arqueologia e a importância da cultura material, vol-

tando-se inclusive ao público infantil, incentivando atitudes de preservação e cuidado.

Professores, alunos e o ensino de Arqueologia

Seis foram os professores entrevistados, adotando-se o seguinte critério de escolha: professores graduados em História ou Ciências Sociais, formados em Universidades distintas. A tentativa foi a de perceber alguns motivos que tornam a “Arqueologia” um assunto geralmente marginalizado. A maioria dos entrevistados trabalha em escolas estaduais, contudo não existem grandes diferenças entre os profissionais das escolas municipais e estaduais, porque o mesmo professor muitas vezes divide o tempo entre as duas redes de ensino.

Os professores foram questionados sobre como abordam a Arqueologia em sala de aula e quais os recursos utilizados, a fim de compreender como trabalham o assunto com os alunos. Para muitos, ensinar Arqueologia chega a ser angustiante e o livro didático não se constitui no principal instrumento pedagógico; para outros, continua a ser suporte e apoio. Por mais que esse material seja questionado, as políticas oficiais parecem reforçá-lo enquanto meio pedagógico. Santomé evidencia que na Europa e na América o livro didático, enquanto responsável pela transmissão do conhecimento histórico, propaga conteúdos com graves distorções informativas, existindo numerosas explicações de situações históricas repletas de preconceitos, erros factuais, aplicação de regras ou leis de forma inconsistente, simplificação temática, omissão de personagens, acontecimentos, lugares e objetos, que silenciam outras possibilidades de interpretação (SANTOMÉ apud REIS, 2001, p. 59).

Percebe-se que o livro didático é um recurso muito questionado e sua utilização, principalmente na abordagem da Arqueologia, deve ser bastante criteriosa. Sobre as informações contidas no livro didático, o professor José, quando entrevistado, disse-nos que:

Geralmente, elas vêm bastante distante. Eu ficaria mais contente, da pra dizer, se privilegiasse a questão da região, mas como trata de nomes diferentes, geralmente não locais, e locais também bastante distantes, fica difícil pra prender o aluno num espaço diferente, com nomes diferentes que ele não conhece.

As produções didáticas acabam utilizando, por exemplo, as pesquisas feitas por Niéde Guidon no Piauí (conforme já mencionado) ou os estudos desenvolvidos nos sambaquis catarinenses, porém as particularidades regionais não aparecem, deixando muitas vezes a impressão de que os estudos arqueológicos no Brasil só são realizados nesses locais.

Nesse sentido, Dmitruk (2001, p. 8) observa que existe uma certa urgência historiográfica e pedagógica de registrar as histórias regionais e repensar seu ensino, bem como de produzir textos que subsidiem o conhecimento e a reflexão histórica escolar, numa perspectiva intercultural. Valorizar o local como um espaço em que se percebam as diferenças, em que existem relações sociais e onde se constroem e reconstroem as identidades pessoais e coletivas. Para tanto, as pesquisas arqueológicas podem contribuir muito, pois através desta ciência se torna viável ampliar o conhecimento de uma realidade cultural, trazendo elementos para compreensão do cotidiano social, tanto de grupos pré-coloniais como históricos.

Evidenciou-se, entretanto, que a Arqueologia não é percebida pelos professores como sendo um elemento essencial, especialmente no estudo de culturas que não deixaram legado escrito. O assunto é pouco trabalhado no ensino fundamental das escolas de Chapecó, podendo-se constatar isso através da fala da professora Renilda, quando questionada se trabalha o assunto e quais as dificuldades encontradas:

Não, muito superficialmente, é a deficiência em não saber, em não ter domínio sobre esta ciência, não ter claro os conceitos que ela trabalha, os objetivos que possui. Então, talvez até em alguns conteúdos trabalhados, esteja mais voltado à Arqueologia, mas nunca em específico pela falta de conhecimento.

Através dessa fala, observa-se que o desconhecimento em relação à ciência arqueológica, por parte da professora - problema apresentado pela maioria dos entrevistados - dificulta o trabalho com a temática. Como nos fala o professor José: “Não me sinto seguro e por isso, muitas vezes, a gente acaba saindo pela tangente”. Para não sair pela tangente, outros professores, embora dizendo não seguir o livro didático, trabalham, por exemplo, a pré-história, e se vêem na obrigação de fazer alguns comentários sobre a Arqueologia, por ela normalmente estar inserida neste assunto. Neste sentido, observam a falta de cursos e de um maior aprofundamento do assunto durante os cursos de graduação, como coloca o professor Lauci:

Olha nós deveríamos ter cursos de capacitação, e com mais frequência, e talvez o erro maior esteja ocorrendo na própria graduação, porque a partir do momento que a gente não tem, a gente acaba não despertando interesse sobre esse assunto.

Esse é um dado interessante, pois foi apontado pela maioria dos entrevistados, dizendo que a falta de conhecimento vem desde a graduação, tornando difícil o trabalho sobre um assunto que pouco ou nada conhecem. O papel do educador é fundamental para estimular nos alunos o interesse pela Arqueologia. Mesmo assim, alguns chegam até a não reconhecer a importância desta para a ciência histórica e também não estabelecem conexão entre a Arqueologia e o que ela pode influenciar no presente, seus usos, desconsiderando as contribuições dessa área de conhecimento. Por outro lado, é muito comum os cursos de graduação em História não contarem com arqueólogos ou com disciplinas voltadas a essa questão; assim, o assunto acaba ficando fora das grades curriculares.

Também se evidenciou que os professores, quando trabalham o ensino de História dentro de uma perspectiva marxista ou partindo da realidade do aluno, geralmente não consideram o assunto muito “importante”, como se nota por essas falas:

Olha, eu julgaria que a Arqueologia seria um assunto até mesmo secundário, haja visto que a concepção de História que eu tenho é que ela deve interferir diretamente na realidade do aluno, tentando modificá-la. (Lauci Schneider).

Dentro daquilo que a gente tem trabalhado tanto no município, como no estado, a gente procura trabalhar mais relacionado à realidade, partindo mais de questões mais próximas ao aluno, e a partir disso, realmente, a abordagem que a gente faz, realmente, não contempla a arqueologia [...] (Cleni M. C. Santana).

Contudo, pode-se trabalhar a Arqueologia dentro de uma perspectiva marxista, pois através do estudo da cultura material é possível evidenciar as relações de poder estabelecidas nas sociedades.¹² Já outros professores não conseguem estabelecer ligação entre a Arqueologia e o cotidiano, bem como suas implicações na realidade do dia-a-dia.

A Arqueologia não precisa necessariamente ser uma disciplina à parte da História (isso poderia ficar a cargo dos cursos de graduação em História), uma vez que se constitui numa ciência própria. No entanto, acredito que o assunto devia ser melhor explorado, não só no ensino fundamental, mas ao longo da formação do estudante. Porque, uma vez entrando no ensino superior, no qual cada vez mais o conhecimento é direcionado, dificilmente o aluno terá outra oportunidade para aprender sobre Arqueologia e sua importância como instrumento de reflexão e valorização do patrimônio cultural. Por isso, acredito na necessidade de o assunto ser melhor explorado, nos ensinos fundamental e médio.

O que muitas vezes não se leva em conta é que a cultura material faz parte da história regional, faz parte da realidade dos alunos. O grande diferenciador aqui é o desconhecimento por parte dos educadores, que deveriam ser preparados para, no mínimo, trabalhar noções básicas de Educação Patrimonial, que é uma metodologia de ensino baseada no patrimônio cultural. Pois, através do estudo da cultura material, especialmente regional, pode-se

proporcionar aos alunos uma reflexão crítica a respeito dos grupos nativos que viveram aqui antes da chegada dos “colonizadores”. Por muito tempo, a História Regional trabalhada, contava a saga, o heroísmo, o trabalho e a visão de progresso capitalista que chegou à região de Chapecó, com a vinda dos descendentes de europeus, que migraram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. Chapecó inclusive possui no centro da cidade o monumento do “Desbravador” para homenagear os colonos de “origem”, e a área urbana se localiza exatamente sobre terras indígenas, ficando por isso, durante muito tempo, nominada de “Passo dos Índios”. Através do processo colonizatório legitimou-se a expulsão de brasileiros e indígenas. Contudo, grupos de indígenas remanescentes e suas práticas culturais estão presentes na região até hoje, e podem ser vistas facilmente, mas também são facilmente ignoradas.

Como se nota, a Arqueologia não é vista por professores e alunos como uma ciência capaz de trabalhar com as diferenças sociais e culturais que perpassam o cotidiano regional. Se o conteúdo escolar é trabalhado no intuito de partir da realidade do aluno, negar a importância do trabalho arqueológico é uma forma de: em primeiro lugar, excluir um trabalho científico introduzido no Brasil há várias décadas; em segundo, colaborar com a visão eurocêntrica e capitalista da História, contribuindo para a falsa idéia de que os povos pré-coloniais eram atrasados, primitivos, negando-se suas existências e importância na constituição regional. Portanto, torna-se um desafio para a disciplina de História trabalhar com a cultura material, buscando propostas de ensino – aprendizagem, provocando discussões sobre a visão eurocêntrica em relação aos indígenas e brasileiros. Para não se cair novamente no discurso preconceituoso de substituir a história dos vencedores pela dos vencidos; questionando a desigual visibilidade dada aos diferentes grupos étnicos e patrimônios culturais. (DMITRUK, 2001).

Os professores entrevistados foram questionados sobre a reação dos alunos ao estudar Arqueologia. As respostas elencaram duas situações: o interesse por parte de uns e o total desinteresse por parte de outros. Os que consideram a Arqueologia o estudo de “coisa ve-

lha” nos remetem novamente à forma como o assunto é mal explorado. Se uns consideram “coisa velha”, já outros que conhecem melhor o conteúdo, pois partiram de uma dinâmica mais ampliada, onde o professor utiliza alguns recursos didáticos - como atividades com argila, ou a partir de recortes de jornal ou revistas - percebem a importância das novas descobertas feitas pela Arqueologia, conseguem compreender como a tecnologia dos grupos culturais de outros tempos era avançada. A professora Ivete descreve que os alunos percebem quantas “dificuldades tinha o povo daquela época”. Porém, não problematiza que, como nos dias de hoje, também no passado era através de uma necessidade que o homem buscava se aperfeiçoar; por isso, à medida que as dificuldades apareciam, os homens buscavam soluções, como argumentam La Salvia e Brochado:

Sabemos que as soluções aplicadas a problemas sociais ou de satisfação de necessidades, vão aos poucos sendo aperfeiçoadas, mas nunca eliminadas de uma só vez. [...] O processo evolutivo dos grupos é uma constante, pois nem um grupo social é um corpo inerte, e a inércia não se coaduna com o espírito criativo do homem que continuamente vem buscando novas soluções e novas representações daquilo que é de seu conhecimento. É entretanto um trabalho lento, calmo e não se realiza aos saltos, rompendo tudo e todos os laços que o ligam com o passado. [...] Desse modo as transferências de ordem tradicional são muito lentas, quase imperceptíveis, mas contínuas, como contínuo é o ato de viver. (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 27).

A professora não deveria ter caracterizado como uma vida difícil, mas situado os alunos dentro do contexto espacial e temporal em que esses grupos viviam. Frisando que, a concepção que os europeus tradicionalmente pregaram ao longo dos séculos - marcando as culturas indígenas como atrasadas, primitivas, selvagens, enquanto o resto do mundo se desenvolveu - tem implicações advindas de lutas sociais que se estabelecem nesse momento de contato, de subordinação de uma cultura a outra.

Através de Guarinello (1994, p. 6), percebemos que os primeiros habitantes do Brasil desbravaram terras intocadas, mesmo com uma tecnologia simples, adaptaram-se bem ao ambiente hostil, multiplicaram-se e espalharam-se, desenvolvendo culturas diferentes, ricas e variadas. E a longa história, que ainda conhecemos mal, parece ter sido bem agitada e cheia de transformações como a história dos demais povos do planeta.

Com as falas dos alunos, observaram-se as contradições existentes a respeito do que é a Arqueologia:

Ana: "Arqueologia é o estudo de coisas, objetos antigos, exemplo: as escavações de múmias no Egito, descoberta de dinossauros."

Paulo: "Arqueologia pra mim, é o estudo e o resgate das coisas antigas de uma sociedade. Está ligada ao estudo das civilizações antigas, me lembra algo relacionado com Grécia, Roma (pirâmide, múmias) etc..."

Helena: "Arqueologia é a ciência que estuda as coisas antigas, ex.: os arqueólogos que estudam os dinossauros."

A grande maioria confunde Paleontologia com Arqueologia, pois não são poucos os que pensam que ela estuda os dinossauros, vendo esta ciência como o estudo de coisas antigas, onde fazem ligação especialmente ao período da Antiguidade clássica (Grécia, Roma). Pelas deficiências e dificuldades apresentadas pelos professores em trabalhar o assunto, o resultado é este: alunos confusos, com informações distorcidas. Assim, os alunos passam pelo período escolar e acabam ingressando no ensino superior não tendo clareza da importância e significado do patrimônio arqueológico para a história do Brasil e da região.

Considerações finais

Evidenciou-se como a Arqueologia acaba sendo deixada em segundo plano, tanto na universidade local,¹⁴ mas especialmente

no ensino fundamental, que é a meu ver um espaço bastante importante de discussão e formação de mentalidades. Dessa forma, surge a necessidade de se implantar políticas educacionais que atendam à valorização do patrimônio arqueológico, bem como de promover ações capazes de fomentar pesquisas nessa área do conhecimento, de modo a sanear tais lacunas.

A Arqueologia no livro didático, nas falas tanto de professores como dos alunos, continua sendo a ciência que se dedica a estudar objetos, civilizações extintas, sem estabelecer nexos com o presente e com as realidades e particularidades regionais. A grande maioria das produções didáticas, bem como os professores, acabam por reproduzir a Arqueologia simplesmente empenhada no estudo da pré-história. Devido ao não conhecimento, e até mesmo pelo acesso restrito ou pouca divulgação dos trabalhos e pesquisas já existentes, as escolas continuam na repetição de que a Arqueologia se ocupa somente dos vestígios materiais do período anterior à escrita. Raramente, por exemplo, um professor do ensino fundamental sabe que a Arqueologia Histórica estuda também períodos em que existem documentos escritos e que, portanto, é uma ciência que está presente em todos os momentos, especialmente tratando de assuntos ou especificidades que os documentos raramente descrevem.

De forma que a maioria dos professores entrevistados não faz ligação e articulação com o presente e com assuntos considerados mais “importantes”. Nessa direção, Lima (2002) tem destacado, por exemplo, o estudo do capitalismo, não apenas pelo viés econômico e político, que habitualmente conhecemos, mas também através das mudanças tecnológicas e políticas que ocorreram e continuam ocorrendo, em ritmos acelerados, provocando transformações sociais e culturais. Nesse sentido, a Arqueologia pode e deve ser abordada em sala de aula, pois é um assunto que, se bem trabalhado, desperta facilmente a atenção e a curiosidade dos alunos.

Notas

* Graduada em História pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó e Especialista em Processos Interdisciplinares em Arqueologia. Atualmente é Técnica em Arqueologia do NEEA/CEOM.

¹ Pós-Graduação “Lato Sensu” em Arqueologia. Área de Concentração: Processos Interdisciplinares em Arqueologia. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI -Campus de Erechim.

² A Arqueologia, desde o século passado, havia sido explorada por estudiosos, em geral ligados a museus com patrocínio das elites. O humanista Paulo Duarte introduziu a Arqueologia como disciplina acadêmica no Brasil nos anos 1950 (FUNARI, 1999, p. 214).

³ Pe. Rohr percorreu grande parte do território catarinense em busca de vestígios arqueológicos, tendo localizado e registrado cerca de 430 deles. Embora fosse autodidata, participou de inúmeros cursos extra-curriculares, obtendo reconhecimento nacional e internacional com suas pesquisas.

⁴ O Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai foi iniciado em 1980. A região investigada corresponde à bacia de captação do rio Uruguai, limítrofe entre os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O material arqueológico, bem como os relatórios, estão sob guarda da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Erechim (RS).

⁵ A população indígena da região Oeste de Santa Catarina é composta atualmente por grupos das etnias Kaingang e Guarani. Ao usar a frase poucos remanescentes, faço relação entre presente e passado; ou seja, antes da colonização com imigrantes europeus as populações indígenas eram maiores. Após o contato com os colonizadores, a exemplo do que ocorreu no restante do país, as populações indígenas acabaram reduzidas. Apesar de serem a minoria nos dias de hoje, continuam presentes na região lutando pela sobrevivência de sua cultura e por seus direitos.

⁶ Cultura material é o objeto de estudo por excelência da arqueologia. Entendida como qualquer segmento do meio físico socialmente apropriado e ao qual são atribuídos uma forma e uma função (BEZERRA DE MENESES, 1983).

⁷ Segundo Lima (1996), o histórico-culturalismo em contexto americano é marcado pelo trabalho seminal de Willey e Phillips (*Method and Theory in American Archaeology*), publicado em 1958, como um marco na arqueologia americana, pois deitou raízes profundas na arqueologia brasileira, dos anos 60 em diante. Por essa época, no exterior, a disciplina estava voltada para a construção de histórias culturais, embasada em uma concepção normativa de cultura. Este foi o modelo introduzido no país e nele se formou toda uma geração de pesquisadores. Nossos primeiros profissionais, diante de um universo quase desconhecido, voltaram-se arduamente para a classificação de artefatos e sítios, procurando ordená-lo no espaço e no tempo. Buscando a identificação de normas culturais, compilando traços, analisando similaridades e diferenças, ordenando-os em esquemas classificatórios, definindo

tipos, construindo tipologias. Privilegiando artefatos e estruturas, bem como a coleta qualitativa, trabalhavam indutivamente, com uma perspectiva fortemente empiricista.

⁸ Brasileiro aqui é a auto-identificação dos “caboclos”, denominação externa que provém de uma estigmatização imposta pelos “colonos de origem”. Esta auto-identificação forjou-se no processo expropriador a que os “brasileiros” foram subjugados com a colonização através das populações de origem europeia, que se deu no Oeste catarinense a partir da década de 1920. Sobre as questões de expropriação, construção de suas diferenças/identidades e as relações dos “brasileiros” com os “colonos de origem”, ver Poli (1995) e Renk (1997). Sobre os indígenas na região Oeste de Santa Catarina, D’Angelis (1995, p. 144) observa que se encontravam na área de mata subtropical os Guaranis; na mata de araucárias e seus intermediários estavam os Kaingang; e na faixa intermediária entre matas de araucárias e campos estavam os Xokleng.

⁹ A arqueologia brasileira costuma dividir os sítios arqueológicos em dois grandes grupos: os **sítios pré-históricos** ou **pré-coloniais**, que contém vestígios dos povos antes do “descobrimento” (no caso do Brasil, todo o período anterior a 1500), relacionados a grupos humanos que não deixaram legado escrito; e os **sítios históricos**, que são testemunhos dos povos após o processo colonizador.

¹⁰ Para este artigo, serão abordadas apenas algumas falas, a fim de não torná-lo tão extenso

¹¹ O positivismo, concepção historiográfica herdada do século XIX, é também denominada de História dos acontecimentos. Segundo esta concepção, o ofício do historiador consiste em estabelecer e expor ordenadamente (causa – consequência, cronologia etc., a partir de documentos oficiais escritos) os fatos históricos (aqueles acontecimentos singulares, que não se repetem). A “imparcialidade” e a “objetividade” são seus postulados básicos. Mudança decisiva sobre esta visão de fazer História, que enfatiza os fatos políticos, diplomáticos e militares, ocorrerá a partir de 1929, com a criação da escola dos Annales (REIS, 2000).

¹² O conceito de pré-história difere muito na Europa e na América, apesar de os pesquisadores dos dois lados do Atlântico usarem o mesmo termo. Na Europa, a pré-história faz referência à história, como o período anterior à escrita e os pesquisadores estudam os próprios antepassados. No caso da América, pré-história é todo período anterior à chegada de Colombo, em que se estuda o outro; no caso, o indígena. Mas, segundo os autores, separar a história da pré-história pelo critério do “uso da escrita” é inconsistente, no caso da América; assim como é artificial caracterizar a pré-história como o estudo das origens de “outros povos”, pois no Brasil ao menos um terço da população possui antepassados indígenas (FUNARI e NOELLI, 2002, p. 15).

¹³ A Nova Arqueologia, inclusive, teve alguns trabalhos que se basearam em Karl Marx, até mesmo nos anos 30. Gordon Childe, por exemplo, realizou análises que, em linhas gerais, se harmonizavam com os princípios de uma

Arqueologia marxista. Bahn e Ranfrew abordam um exemplo, de Antonio Gilman (1981), influenciado pelo neomarxismo francês, que fez um estudo para tentar explicar uma sociedade igualitária e uma hierarquizada, durante o Neolítico na Espanha e Portugal, chegando ao seguinte resultado: “En cambio, afirmo que los jefes conseguían el poder a través de un conflicto y se mantenían en él mediante fuerza de las armas, viviendo con relativa comodidad gracias a la explotación de la gente humilde. La idea del conflicto de intereses, la lucha de clases o de sectores de la sociedad y la explotación de los pobres por parte de la elite, es típicamente marxista” (RENFREW; BAHN, 1998, p. 435).

¹⁴ As falas dos alunos foram escolhidas de forma aleatória, ou seja, tanto do ensino fundamental, como graduandos, em especial alunos que visitaram a Exposição “Afinal, o que é Arqueologia”, do Museu do Sambaqui de Joinville. Os nomes dos alunos são fictícios.

¹⁵ No curso de História da Universidade local (Unochapecó – Universidade Comunitária Regional), somente este ano, com a mudança do Projeto Político Pedagógico, foram incluídas disciplinas voltadas à Arqueologia e ao Patrimônio (são elas: História e Arqueologia das populações indígenas, História dos Povos pré-coloniais, Preservação dos Bens Culturais e Educação Patrimonial). Mesmo que se discuta sobre a problemática do patrimônio arqueológico desde a década de 80, somente agora se estão conseguindo efetivas mudanças, com a criação do NEEA (Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos), vinculado ao CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina), que é um programa permanente de pesquisa e extensão desta universidade.

Referências

BALLART, Josep. *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, N. S., n. 115, 1983.

BROCHADO, José Proença; LA SALVIA, Fernando. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

CAIMI, Flávia Eloísa. Livro Didático: algumas questões. In: CAIMI, Flavia Eloísa; MACHADO, Ironita A. P.; DIEHL, Astor Antonio (Orgs.). *O livro didático e o currículo de história em transição*. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

DMITRUK, Hilda Beatriz. *História, memória e legados culturais no Oeste Catarinense*. Chapecó: Grifos, 2001 (Série Interdisciplinar, 42).

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos índios do Oeste Catarinense. In: *Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEOM*. Chapecó: Unoesc, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo. A importância da teoria arqueológica internacional para a Arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3, 1999.

_____. Tornar-se arqueólogo no Brasil. *Separata dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, v.40, n. 3-4, 2000.

_____. NOELLI, Francisco. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.

KERN, Arno Alvarez. Fronteiras culturais: impactos e contatos na descoberta e colonização do Brasil. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, n.1, 2000.

LIMA, Tânia Andrade. O papel da Arqueologia Histórica no mundo globalizado. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria Ximenes (Orgs.). *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*. Buenos Aires: Del Tridente, 2002.

_____. *Teoria e método na Arqueologia brasileira: avaliação e perspectivas*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1996. [Texto não publicado]

_____. 1898 – 1998: A pré-história brasileira em cem anos de livros didáticos. *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, n 3(6) 91/134, 1999.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, 1999-2000.

PINÓN, Ana. Capítulo IV da tese de doutorado: **EL mensaje recibido**.

REIS, Carlos Eduardo. *História social e ensino*. Chapecó: Argos, 2001.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. 2. ed. Madrid: Akal, 1998.

Fontes

- Cleni Maria Caramori Santana, graduada em História pela UPF, entrevista realizada no dia 15/04/2003, por Mirian Carbonera.

- José Valderi da Silva, graduado em História pela UNOCHAPECÓ, entrevista realizada no dia 10/04/2003, por Mirian Carbonera.

- Lauci Schneider, graduado em História pela UNOESC, entrevista realizada no dia 10/04/2003, por Mirian Carbonera.

- Marcos Frederico Flores, graduado em História e mestrando pela UFSM, entrevista realizada no dia 16/04/2003, por Mirian Carbonera.

- Renilda Vicenzi, graduada em História pela FACEPAL/PR e mestranda pela UPF, entrevista realizada no dia 16/04/2003, por Mirian Carbonera.

- Ivete Pavan, graduada em História pela FACEPAL/PR e especialista pela UNOESC, entrevista realizada no dia 30/04/2003, por Mirian Carbonera.

Abstract

The article approaches the importance of Archaeology and the Archaeological patrimony for recognition of the cultural diversity of the different ethnic segments which compose the Brazilian society and are expressed in material culture. For in such a way, I seek to perceive how archaeological science is worked in the schools, especially in basic education, in the city of Chapecó, West region of the Santa Catarina state. For construction of the analysis, it was used interviews with teachers, pupils and the research in didactic books on History.

Keywords: Archeological patrimony, west of Santa Catarina state, History teaching.

